

VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
28 a 31 de outubro de 2007 • Salvador • Bahia • Brasil

GT3 - Mediação, Circulação e Uso da Informação
Comunicação oral

**SUJEITO E INFORMAÇÃO: a construção do conhecimento
social em suas ambientações culturais e locais**

Regina Maria Marteleto (PPGMS/UNIRIO, regina.mar@terra.com.br)
Nanci Gonçalves da Nóbrega (Depto. C.I./UFF)

RESUMO: Apresenta-se um experimento de informação sobre a violência urbana e sua incidência na população jovem, construído de forma compartilhada num processo de pesquisa com grupos envolvidos em projetos de intervenção social. O formato escolhido para o experimento foi o Fanzine, por representar um modo peculiar de comunicação, interação simbólica e apropriação de informações entre os jovens. O conceito de *terceiro conhecimento* serviu como operador teórico-empírico para refletir sobre as leituras da violência, suas múltiplas vozes e enredos, ressaltando as narrativas dos jovens e seus embates com as informações e discursos oficiais. Discute-se o modo de produção e de apropriação coletiva desse dispositivo informacional - o Fanzine -, preenchido pelas narrativas e pelas vozes dos sujeitos da pesquisa

Palavras-chave: Informação; Conhecimento; Jovens; Violência Urbana; Fanzines

ABSTRACT: *In this paper we present an informational experiment regarding urban violence and its effects on young people. The experiment was carried out in a shared research process done with groups engaged in projects of social intervention. The format chosen for the experiment was that of a Fanzine, for it has a peculiar way of communication, symbolic interaction and acquaintance among the young. The concept of "Third Knowledge" was used as an empiric operator to reflect about readings of violence, its voices and plots, highlighting the narratives of the young and their conflicts with official information sources. Key concepts in the ways of production and collective appropriation of this information resource - the Fanzine - are the object of a discussion with speeches and voices of the target of this research experience -the young.*

Keywords: *Information; Knowledge; Youth; Urban Violence; Fanzines*

1. Introdução

O trabalho apresenta parte dos resultados de um projeto integrado desenvolvido de forma interdisciplinar e interinstitucional por duas equipes de pesquisadores: Antropologia da Informação (AI) e Educação Popular e Saúde (EPS), que compartilham pressupostos teórico-metodológicos comuns no desenvolvimento das suas pesquisas. O principal deles diz respeito ao papel dos sujeitos, considerados como fonte e eixo da problemática informacional e da saúde. A idéia de sujeitos inclui tanto aqueles que povoam o universo empírico dos projetos, quanto os sujeitos institucionais que assumem a autoria das pesquisas – os pesquisadores.

Os pesquisadores dos dois campos assumem, ainda, uma posição de “neutralidade ativa” com respeito ao mundo informacional e da saúde, pois produzem conhecimentos sobre, entre e para os seus respectivos campos de conhecimento, porém de maneira dialogada e compartilhada com outras formas e experiências de conhecer e suas autorias. Para orientar suas perguntas localizam os sujeitos em sua ambientação cultural e local, para realçar a produção de sentidos sobre a saúde, a informação e o conhecimento em seus contextos de vida.

Trata-se, pois, da união de duas linhas críticas de investigação sobre a informação e a educação em saúde. A EPS, inserida na tradição da pedagogia problematizadora de Paulo Freire e a AI, na visão teórico-prática do conhecimento/ informação como construção social de sentidos no terreno da cultura, inspirada na sociologia da cultura, de Pierre Bourdieu.

Sob a denominação de “construção compartilhada do conhecimento em saúde”, os grupos discutem metodologias científicas, didáticas e estratégias que propiciem a apropriação social do conhecimento. No diálogo do senso comum – expressão dos saberes populares – com o conhecimento científico, este último pode ser negado no todo ou implementado, ou reafirmado com novos sentidos. A negação pode se situar no nível da informação, ou mesmo dos conceitos.

Estudando os processos de construção compartilhada dos conhecimentos emprega-se a noção de “terceiro conhecimento”, com o fim de estudar as disputas simbólicas entre os atores institucionais do campo da saúde (pesquisadores, técnicos, agentes do Estado), as mídias e a população sobre os sentidos biológicos, sociais e políticos do adoecimento e das condições de vida que causam tanto as situações concretas, quanto os sentidos do que seja viver de forma saudável.

A *terceridade* do conhecimento está associada aos diferentes pesos de legitimidade e de poder das formas de conhecer, mas também à potencialidade de se formarem alianças e sentidos cognitivos e simbólicos entre os saberes de cada parte para interferir na formulação e aplicação de políticas públicas que favoreçam o atendimento das necessidades das populações. Faz-se necessário, para tal, uma conversão do olhar e dos conceitos do campo de estudos informacionais para entrever a “informação em movimento” nesses processos de disputas e alianças para a produção de um “conhecimento social”.

Os grupos da saúde e da informação procuraram sobremaneira atentar para alguns elementos que permeiam o terreno das redes sociais de conhecimento, como a tensão entre *narrativa e informação*, que tanto cria contraste quanto interação, formando um tipo de prática social que se poderia chamar de “narrativa informacional”. Mais do que isso, atenta-se para a questão da identidade e das representações sociais comunitárias que se formam a partir de um ambiente externo de informação, vindo, por exemplo, da mídia e do poder público, e que com ele lutam, formando capacidade de gerar e alimentar estereótipos e, com isso, incentivar ou paralisar ações sociais.

Esse é o quadro contextual que foi aprofundado na pesquisa para a leitura informacional da violência urbana e sua incidência na vida e nos modos de ver dos jovens de periferias das grandes cidades, considerada uma das mais sérias questões de saúde pública no país.

Em trabalho anterior¹, apresentaram-se as coordenadas teóricas e os resultados metodológicos da pesquisa. O trabalho que aqui se apresenta, um dos seus produtos, trata da construção de um experimento informacional que representa o universo de experiências e expressões dos jovens que vivem em periferias urbanas, ligados a projetos de intervenção social. O tema gerador desse dispositivo, portanto, é a violência urbana.

Confrontar, interpretar, reeditar conhecimentos, projetos e visões, buscando formas de sistematização do conhecimento prático construído no ambiente da cultura e no cotidiano comunitário e institucional dos grupos de jovens foi o intento principal da pesquisa como um todo.

Encontrar formas de representar, em suporte informacional, os modos de articulação dos conhecimentos - científico, massivo, popular - e estudar o processo de formação, relativização e desintegração de identidade coletiva dos jovens e seus grupos locais, a partir da representação social criada pela informação produzida pelos meios de comunicação de massa e pelo poder público, foram os objetivos específicos de construção de uma mídia cuja construção foi compartilhada entre os jovens e a equipe de pesquisa.

O formato escolhido para a construção do experimento-dispositivo de informação foi o Fanzine, porque se trata de uma forma de escrita e de informação que parece refletir os modos de interação e comunicação entre os jovens nos dias de hoje.

2. “Entre o gatilho e a tempestade, / sempre a provar, / que sou homem e não um covarde, / Que Deus me guarde, / Pois eu sei / Que Ele não é neutro, / Vigia os rico, / Mas ama os que vêm do gueto” (Racionais MC’s – Negro Drama)

(Sobre violência e violências)

O ângulo privilegiado para o estudo do *terceiro conhecimento* foi o do “sujeito da informação” e suas diferentes facetas: o sujeito social (que atua), o sujeito pedagógico (que aprende/ensina), o sujeito histórico (que transforma), o sujeito filosófico (que representa), dentre outras, que permitam orientar a análise para o modo como os jovens, em seus grupos e redes sociais, reconstroem suas identidades estigmatizadas pela *violência simbólica* exercida pela mídia, pelo Estado, pela “sociedade da informação”.

A *violência* é um problema freqüentemente tematizado pelos jovens, cada vez com mais intensidade e de diferentes formas: como fator que leva à desmobilização da ação nos movimentos e redes sociais ou como reação à estigmatização, criada pela mídia, da imagem da população que vive nas periferias dos grandes centros urbanos. Trata-se, à primeira vista, de uma “violência real”: um problema originado na desigualdade social, na miséria e no abandono por parte do poder público, que oprime as pessoas e freia a ação e a organização populares. Num segundo plano, trata-se da chamada “violência simbólica”, que é tematizada com freqüência e ênfase pela população jovem. Ela provoca uma reação espontânea e muitas vezes emocional ao estereótipo que a sociedade cria e aceita para a população jovem que vive nas favelas e comunidades.

Observou-se que, se a *violência real* paralisa a ação, a *violência simbólica*, materializada na representação informacional, funciona, ao mesmo tempo, como um fator de (re) construção de identidades coletivas e comprometimento das identidades individuais, podendo gerar tanto iniciativas sociais de revolta, quanto de fortalecimento da auto-estima.

Os jovens sujeitos da pesquisa encontram-se envolvidos, de diferentes formas, em movimentos sociais: nos grupos estudados em Belo Horizonte, MG, em organizações não-

¹ “Jovens e violência: construção de informações nos processos de mediação e apropriação de conhecimentos”, apresentado no GT3 da ANCIB “Mediação, Circulação e Uso da Informação”, VII ENANCIB. Belo Horizonte: ANCIB, Marília, SP: UNESP, 2006. Anais.

governamentais de desenvolvimento de mídias comunitárias para sua formatação e replicação, de forma a construir o protagonismo e a identidade juvenil – a Associação Imagem Comunitária (AIC) e a Humbiumbi, ou em movimento de Pastoral de Jovens da Igreja Católica. No Rio de Janeiro, RJ, em redes sociais formadas pelos elos comunitários e políticos entre grupos de jovens do Complexo da Maré: a Rede Maré Jovem, ou em projetos sociais desenvolvidos pelo poder público- o Adolescentro Paulo Freire, da Rocinha.

Nessas e em outras redes sociais de jovens articuladas com projetos de intervenção social, percebe-se que o grau de violência que incide sobre a população de baixa renda é maior do que em outras camadas sociais, além de criarem situações específicas de maior ou menor incidência de violência para jovens ou adultos, homens ou mulheres, negros ou brancos. Logo, o direito constitucional de ir e vir - um direito de cidadania -, é exercido pelas pessoas de maneira desigual. Nas favelas, se essas pessoas são homens, jovens, negros e pobres a situação de exposição à violência é maior e, às vezes, crítica, o que faz com que eles carreguem o estigma de serem uma potencial ameaça estando, por isso, mais vulneráveis ao cerceamento do direito de ir e vir, tanto por parte dos poderes não oficiais locais, quanto por parte da polícia. (SILVA, s.n.t., mimeo)

Se a violência cruel das facções armadas impede os direitos civis, a violência da polícia contra os jovens pobres nega o próprio Estado de direito. O Estado detém o monopólio do uso da violência física por meio da polícia, porém, quando ela não prende mas tortura, quando mata no lugar de defender, ocorre um claro abuso dos direitos. Nesse sentido, polícia e bandidos fazem valer o “tribunal de rua”, uma vez que julgam, condenam e executam suas sentenças de forma sumária e privatizada. (MESQUITA NETO, 1999).

Por outro lado, cria-se no imaginário da sociedade uma visão das favelas como lugar de carência, de falta, de vazio e os seus moradores transformam-se em “bode expiatório” para os problemas da cidade, ou seja, “uma vez favela, sempre favela” . (ZALUAR, 1998).

Segundo Silva:

“Essa imagem de “favela”, historicamente construída pela classe dominante, diluída em todas as instituições brasileiras e difundida pela mídia, nada mais é do que uma seqüela do pensamento e sentimento escravista. Permanece um preconceito elitista contra os lugares onde residem as classes trabalhadoras. Dois versos da poesia intitulada “Na casa da Madame”, da poeta Jovelina Jô, ex-empregada doméstica e ex-moradora da favela da Maré, ilustram bem esse sentimento: “Da seiva da minha escravidão privada / Nutre-se a sua liberdade pública”.” (SILVA, s.n.t., mimeo)

Somados ao “sofrimento difuso” das famílias, associado às perdas morais e de saúde devidas às precárias condições de vida e à exposição à violência, ao mau funcionamento das escolas, à falta de equipamentos urbanos como transporte, saneamento, postos de saúde, hospitais, dentre outros, as condições estruturais da sociedade brasileira, acima lembradas, incidem de forma violenta sobre os jovens pobres e o seu mundo vivido.

3. “A fila das pessoas que tentam ser diferentes é tão grande / Que já se fechou um círculo. / E elas nem percebem. / E assim vão andando eternamente / Umas atrás das outras; / Umas iguais às outras.” (Marcelo Dias. **A fila**, Boletim da Rede Jovem de Cidadania)

(O que são Fanzines? Para que servem?)

Fanzines são publicações avulsas que seguem o jeito e o lastro das primeiras publicações impressas que se difundiram e se multiplicaram com a invenção da imprensa. No formato que têm hoje, teriam surgido nos Estados Unidos, na década de 30 do século XX.

De acordo com essa versão, o primeiro fanzine (fan + magazine) da época, então conhecido como *fanmag* (fanatic + magazine), foi publicado por Ray Palmer para o Science

Correspondence Club, em maio de 1930. O *fanmag* chamava-se The Comet e falava de cinema e literatura de ficção científica. Como outros veículos alternativos em geral, são inúmeros e não têm renovação e periodicidade regulares, abrangem variados assuntos e assumem as formas mais experimentais, mas têm pelo menos uma característica fundamental em comum: são veículos de opinião "extra-oficial", entendendo-se por "extra-oficial" aquilo que não está comprometido com empresas, organizações, governos ou instituições:

“Por simples inversão, podemos dizer que os fanzines estão a serviço da "desorganização", da difusão desordenada da informação, sem formatos preestabelecidos ou manuais de redação e estilo, mas que não deixam de criar em torno de si uma organização própria, com temas, público, linguagem e táticas de publicação que vamos chamar aqui de Cultura do Zine”. (LIMA, 2007)

Em seus formatos e intenções, os fanzines se aproximam dos produtos da imprensa popular e outros tipos de publicações como os folhetos de cordel ou os almanaques, por exemplo. Magalhães (2002, p. 145), estudioso das formas populares e alternativas de comunicação e informação, afirma que se identifica nesses veículos *“um forte processo de intercâmbio de informações, com destaque para a expressão da crítica e da opinião”*.

Como veículo de comunicação, alastrou-se pelo mundo inteiro, expressando idéias e informações sobre determinado assunto, de forma livre e independente, graças ao seu baixo custo, pois geralmente é rodado em fotocopiadoras (xerox) e divulgado através dos correios ou, como atualmente, pela Internet (os e-zines). Por outro lado, pode-se até aventar um paralelo entre os fanzines e o cordel pois, *“se o folclore é uma manifestação de cunho popular e tradicional, é bem possível que o Fanzine possa ser tido e pesquisado no futuro, também como um objeto folclórico comunicacional”*. (ANDRAUS, s.d.)

Outros autores, como Zavam (2004), afirmam que os fanzines funcionam como meios de fazer circular suas vozes, para aqueles que se vêem excluídos, numa sociedade como a em que vivemos, marcada por contradições de diversas ordens. Os novos meios eletrônicos, associados às possibilidades de produção, mediação e circulação de textos e imagens, favorecem tais iniciativas. Tanto as facilidades técnicas de criação e comunicação de novas linguagens, quanto a necessidade de expressões inovadoras nas sociedades em que vigem os mecanismos de exclusão e as situações de violência física e simbólica, mediam o (re) florescimento dos dispositivos alternativos, como os fanzines. Dados esse contextos, os jovens são os principais autores e participantes na produção, leitura e apropriação desses meios.

4. “ Engraçado o nosso modo de falar: “Nó, isso é violento”. Esse “violento” tem outro significado, né?! Ao invés da gente falar “bonito”, a gente fala “violento”. Tipo quando passa uma mulher bonita, a gente fala que a mulher é “violenta”. (Bruno, jovem sujeito da pesquisa, AIC)

(O Zine Violento e seu processo compartilhado de construção)

O intento de construção compartilhada de um dispositivo informacional em formato de fanzine, para assim dialogar com as vivências e expressões dos jovens que enfrentam situações de violência, levou em conta a dimensão pública da sociabilidade dos jovens na atualidade, a qual encontra-se fortemente associada à ação dos meios massivos de comunicação, em detrimento do espaço da escola ou da família.

Diante desse enquadramento contextual, o conhecimento sobre a violência precisa colocar em diálogo e sintonia os modos de apropriação das novas tecnologias e linguagens a fim de produzir matéria informacional e pedagógica para o necessário debate público das questões afetas à população jovem, como a violência.

O caminho metodológico trilhado valeu-se da aplicação de instrumentos intensivos de pesquisa para investigar histórias, personagens e narrativas sobre a representação e a vivência da violência pelos grupos de jovens, pelo ângulo do seu enquadramento cognitivo, crítico e informacional.

De forma sucessiva, simultânea e complementar, empregaram-se os seguintes recursos metodológicos: análise documental; realização de oficinas temáticas; entrevistas com grupos focais; entrevistas episódicas; elaboração de diários e depoimentos, o que permitiu a formação de um amplo e integrado banco de dados empíricos, que formou base tanto para as explorações teórico-metodológicas da pesquisa como um todo, quanto para o fornecimento de material textual para os fanzines.

O *Zine Violento* foi desenvolvido como um experimento informacional em formato impresso, um modelo de comunicação aberto, alternativo à comunicação dos panfletos descartáveis e aos manuais prescritivos oficiais das campanhas de saúde e de segurança pública. Os conteúdos procuram mostrar as visões e contradições presentes no imaginário dos jovens por meio de suas próprias vozes. A preocupação principal não é com uma coerência única das falas, mas com o protagonismo múltiplo dos sujeitos da pesquisa.

Nesse sentido, foi feita uma análise do vasto material textual produzido pelos recursos metodológicos com que se procurou perceber as vozes dos grupos de jovens e o que elas narravam sobre violência, de forma direta ou indireta. Sendo assim, não só as falas, mas também os silêncios entre palavras, os gestos, os risos, os olhares fizeram parte do que *escutávamos* por meio das vozes dos sujeitos da pesquisa.

A partir daí, decidiu-se compreender os fanzines como instrumentos pedagógicos com necessária continuidade, servindo como possibilidade de conversas, portanto, e que três números iniciariam o propósito de interlocução pretendido.

Assim, sua estruturação pedagógica básica procura abordar o enfrentamento da violência pelos jovens a partir de uma gradação de argumentação, qual seja: a partir da intensificação da conscientização de que o jovem, sendo sujeito social, é sujeito singular e coletivo, com preciosa *reserva simbólica* e acervo biográfico e marcas culturais, com lastro e rastro de vida e experiências. Equipado então para produzir sentidos outros acerca do mundo, auxiliados por expressões criadoras, o que vai possibilitar o reconhecimento da força própria, apesar de tantas adversidades, para interferir na roda da vida e, também, nas políticas públicas que afetam suas vidas.

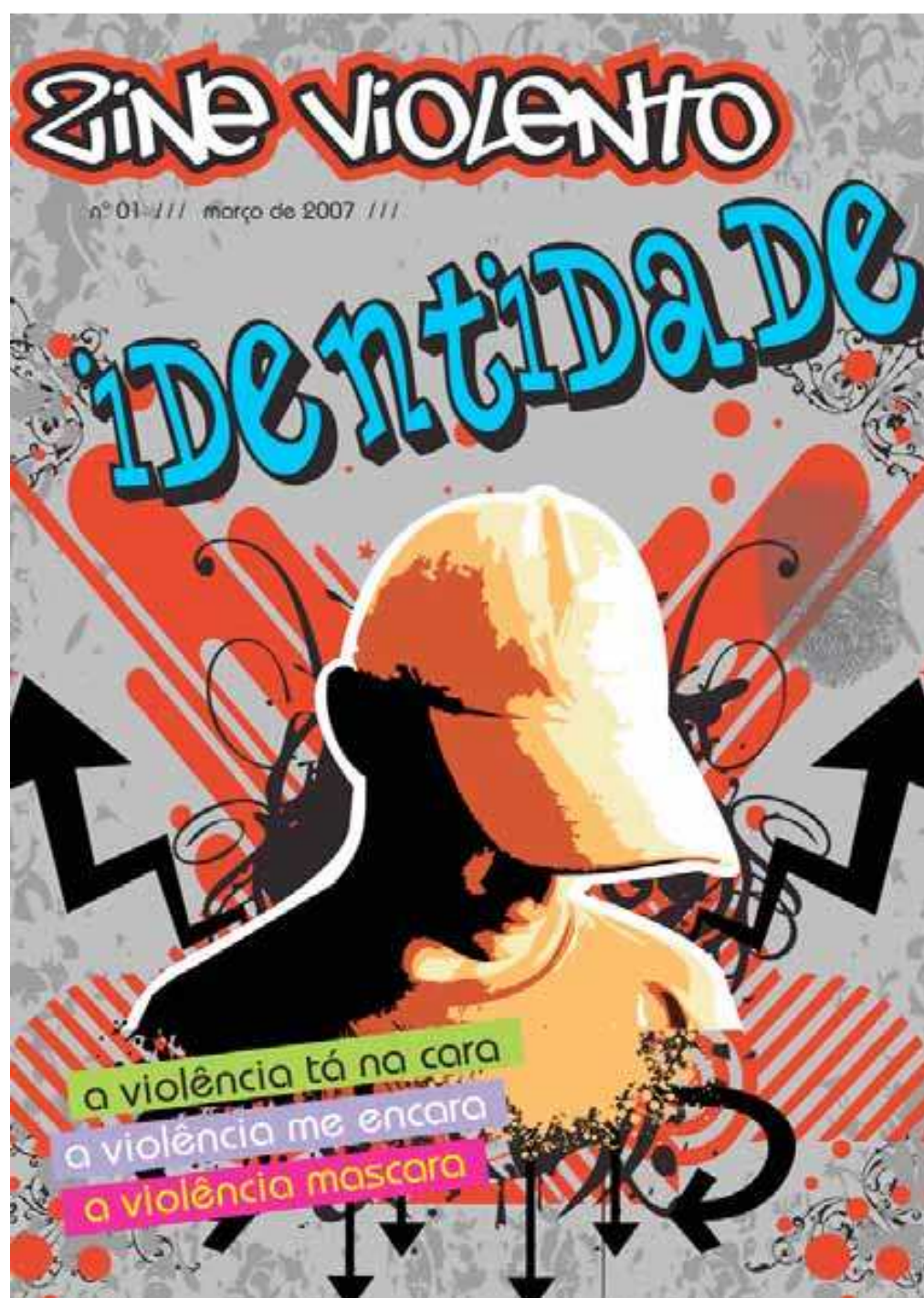
Os três fanzines, valendo-se de sua linguagem fundamental, que é a imagética, fundam-se no contraponto entre *máscaras* e *espelhos*, para tentar ampliar o olhar em torno da questão da luta pela identificação de si como singularidade entre as subjetividades outras. Duelo entre os verbos *estar* e *ser*, numa tentativa de procurar incentivar as práticas e reflexões pelas quais os sujeitos tornam-se sujeitos de si mesmos. Nesse sentido, os fanzines trazem à tona este contraponto sempre movente, comum ao jogo da vida, mas intensificado nas vidas dos jovens, como se viu no material da pesquisa.

Em cada número, um “editorial” explicita intenções e convite para prosseguirmos juntos com os pressupostos pensados. O *Fanzine Violento* – e o nome escolhido já procura demonstrar a intenção de diálogo com o linguajar próprio dos jovens – em seu primeiro número aborda a questão de uma conscientização sobre o ato de ler como instrumental para compreensão e interferência sobre o mundo e, portanto, como possibilidade de transformação; o segundo fanzine intensifica a questão da conscientização sobre os modos de singularização, potencializados pelo processo de criação estética com o qual já muitas vezes convivem, força expressiva de suas experiências de viver a vida: o rap, o grafite, as narrativas de vídeos, teatros, rádios, etc.; o terceiro aviva a pergunta sobre a interferência possível para modificação das políticas públicas, tornando-as, com o reforço das redes sociais construídas, um espaço a ocupar a fim de transformá-lo em construção própria, uma *territorialidade*.

Editorial do nº 1:

“Este zine é uma revista gerada de forma compartilhada para divulgar a voz e a expressão dos jovens sobre a violência presente nos dias de hoje na sociedade brasileira, seja nos ambientes públicos, na família, na escola, no trabalho. Violência que é mascar – onde está? De onde parte? Quem pratica? Quem é responsável? – e espelho – como eu me reflito nela e reflito sobre ela? Conversar e provocar idéias sobre identidades é um dos caminhos para desvendar as máscaras e encontrar os reflexos de nós mesmos e do ambiente violento em que vivemos. E agir...” (Zine Violento – Identidade, nº 1, março de 2007)

Figura 1 – Zine Violento 1 – Capa



O seu fio condutor contrapõe MÁSCARAS (no primeiro fascículo, a *exclusão*; no segundo, a *violência*; no terceiro, a *desreferencialização*, a *guetização*), com ESPELHOS (no fascículo um, a *identidade*; no dois, a *arte*; no três, a *territorialidade* conquistada) para que não nos petrifiquemos diante de falas que contam de um cotidiano de sentidos e sofrimentos múltiplos:

Em BH:

Washington: “Eles tavam pixando o colégio deles mesmos.” Ana Amélia: “E eles escreviam o quê?” Washington: “O nome deles...[...]”

Bruno: “A polícia falou assim: cadê o documento? Ele falou: não tenho. E a polícia falou: então você vai ter o atestado de óbito. Foi lá e deu um tiro nele.”

No Rio:

Elaine: “A televisão é violenta, ela tem uma substância que faz a pessoa ser violenta. É a mesma coisa da droga, a droga tem uma substância lá que faz a pessoa ficar...A TV também.”

Rafael: “A gente tem que buscar informação. A gente tem que ver televisão, ouvir rádio, Internet, pra gente estar sempre debatendo, situar as coisas e ficar mais ligado.”

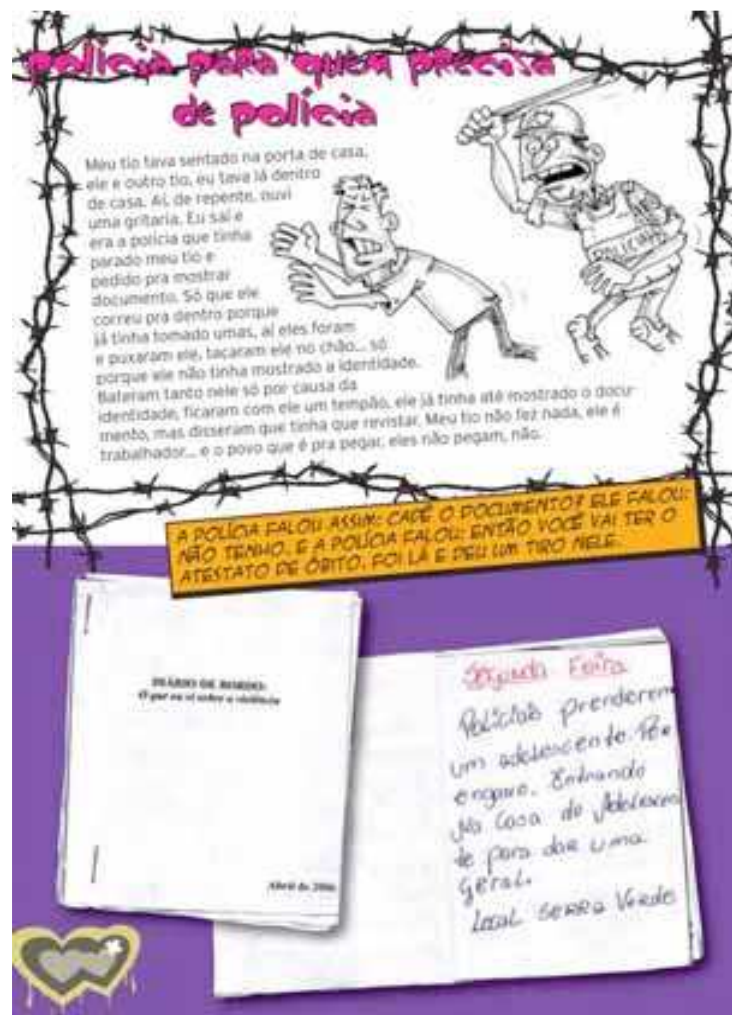


Figura 2 – Zine Violento 1 – p. 4

5. “O que as paredes pichadas têm prá me dizer?/ O que os muros sociais têm prá me contar? / Por que aprendemos tão cedo a rezar? Por que tantas seitas têm, aqui seu lugar? / É só regar os lírios do gueto / Que o Beethoven negro vem prá se mostrar / Mas o leite suado é tão ingrato / Que as gangues vão ganhando cada dia mais espaço / Tudo, tudo, tudo igual / Brixton, Bronx Ou Baixada” (O Rappa - Brixton, Bronx ou Baixada . Marcelo Yuka e Nelson Meirelles)

(Conclusões...a apropriação e a serventia dos fanzines)

Entende-se que a apropriação social e a serventia dos experimentos de informação produzidos de forma compartilhada e com pluralidade de vozes, discursos e informações é um passo imprescindível no processo de construção do conhecimento social, de modo a perceber e estimular os usos desses produtos na discussão e enfrentamento das questões de saúde pela população, além de provocar a interação entre diferentes atores, discursos e práticas sobre a realidade das suas condições de vida. Esta é a perspectiva prática de operacionalização dos processos de construção compartilhada do conhecimento e de possibilidade de construção de um “terceiro conhecimento”, resultado e, ao mesmo tempo, alimento para a sedimentação e expressão do que chamamos de **conhecimento social**.

O nosso compromisso, enquanto pesquisadores, é com a construção de um instrumento informacional compartilhado, com autorias, vozes e discursos múltiplos, e não de um manual portador de informações prescritivas e descartáveis, com uma concepção transmissional de informações. Ao contrário, o *Zine Violento* quer ser um dispositivo informacional que se caracteriza pela comunicação aberta, com protagonismo múltiplo e apelo à solidariedade, em detrimento da imagem negativa e estereotipada que geralmente se constrói sobre os jovens e a violência.

Estamos convictos que essa forma comunicacional/informacional terá mais eficácia do que a culpabilização e a voz única das prescrições tradicionalmente adotadas pela propaganda oficial.

Os pesquisadores dos grupos de saúde e informação acreditam que, na medida em que lidam com objetos complexos, como a saúde das populações humanas e os sentidos do mundo, caracterizados pela incerteza do conhecimento sobre as determinações, amplitude e relações do adoecimento e pela consciência do elevado impacto político do conhecimento, devem buscar oportunidades de um encontro entre *ciência* e *senso comum*, para identificar as particularidades do conhecimento na área de saúde e as suas plurais materialidades informacionais e configurações de sentidos.

É com base nesse pressuposto que os dois grupos buscam a construção compartilhada de conhecimento sobre a violência como uma questão de saúde. Para tanto, entende-se ser indispensável aos atores institucionais do conhecimento seu engajamento na qualidade de pesquisadores, usando o duplo atributo de analistas e de intérpretes da realidade informacional e da saúde. Nesse sentido, tanto quanto as publicações formais, interessa a produção e a divulgação dos trabalhos com e para os sujeitos das pesquisas. É o que buscou-se realizar por meio do compromisso com a *produção compartilhada do conhecimento*.

6. Bibliografia

. ANDRAUS, G. **Gênese, história e importância das publicações independentes do Brasil e do mundo:** os Fanzines e as Revistas Alternativas. 1º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, Mídia Brasileira: 2 séculos de história. Gt 3: História da Mídia Visual. Florianópolis, UFSC, s.d. Disponível em: <http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/anais/gt3_visual/genese%20historia%20e%20importancia%20das%20publicacoes%20independente

[s.doc](#)>. Acesso em: 23/03/2007.

. LIMA, Leo. **Fanzine**: rotulando o in-rotulável. In: MOOD: pulse e pense. Disponível em: <<http://www.mood.com.br/3a01/zine.asp>>. Acesso em 6/7/2007.

. LIMA, Rafaela. **Visibilidade no espaço público e metodologias participativas**: os princípios da comunicação comunitária. Belo Horizonte: Associação Imagem Comunitária, IC, s.d (mimeo). Disponível em: <http://www.aic.org.br/metodologia/principios_da_comunicacao_comunitaria.pdf>. Acesso em 2/8/2007.

. MAGALHÃES, Henrique. Fanzine: do mimeógrafo à editoração eletrônica. **Conceitos**, Jul./Dez., 2002, p. 143-148.

. MESQUITA NETO, P. Violência policial no Brasil: abordagens teóricas e práticas de controle. In: PANDOLFI, D.C. (org.). **Cidadania, justiça e violência**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

. SILVA, S.J.A.; NASCIMENTO, M.; PEREIRA, M.M.T.P.; ARAÚJO, J.W.G.A.; SAVI, E.S.A.; STOTZ, E.N.; NEVES, T.C.C.L. **Juventude, saúde e liberdade de ir e vir na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: s.n.t., 8f., mimeo.

. ZALUAR, A. (org.) **Um século de favela**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998

. ZAVAM, Aurea Suely. Fanzine: A Pluralidade Paratópica. **Revista Linguagem em (Dis)curso**. v. 5, n. 1, jul./dez., 2004. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0601/01.htm>>. Acesso em: 9/7/2007